

## OS DEUSES DA GRÉCIA\*

(Schiller)

Quando, coos tênuos vínculos de gozo,  
Ó Vênus de Amatonte,<sup>1</sup> governavas  
Felices<sup>2</sup> raças, encantados povos  
Dos fabulosos tempos;

5 Quando fulgia a pompa do teu culto,  
E o templo ornavam delicadas rosas,  
Ai! quão diverso o mundo apresentava  
A face aberta em risos!

10 Na poesia envolvia-se a verdade;  
Plena vida gozava a terra inteira;  
E o que jamais<sup>3</sup> hão de sentir na vida  
Então sentiam homens.

15 Lei era repousar no amor; os olhos  
Nos namorados olhos se encontravam;  
Espalhava-se em toda a natureza  
Um vestígio divino.

---

\* Esta edição do poema “Os deuses da Grécia” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: FAL1870 (p. 65-71), PC1937 (p. 206-211), PC1953 (p. 228-233), OCA1959 (v. III, p. 227-230), PCEC1976 (p. 325-329), OCA1994 (v. III, p. 212-215), TPCL (p. 116-120), PCRR (p. 346-350) e OCA2015 (v. 3, p. 639-643). Texto-base: FAL1870. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em FAL1870 (p. 214), há a seguinte nota do autor: “OS DEUSES DA GRÉCIA / Não sei alemão; traduzi estes versos pela tradução em prosa francesa de um dos mais conceituados intérpretes da língua de Schiller.” As demais edições trazem essa nota em diferentes pontos dos volumes. Existem diversas traduções francesas. Machado de Assis tinha em sua biblioteca a de Ad[olphe] Régnier. Apesar disso, Jean-Michel Massa (2008, p. 111-112, nota 61) afirma que ele “usou mesmo a X. Marmier.” As referências e alusões à mitologia greco-romana, muito numerosas neste poema, receberam notas ligeiras, o suficiente apenas para indicar caminhos a possíveis leitores interessados no tema.

<sup>1</sup> Vênus, conforme o lugar em que lhe elevaram templos, tomou diversos nomes. A deusa teve templos na ilha de Chipre, em Pafos, em Amatonte, na ilha de Citera, etc. (Cf. COMMELIN, s.d., p. 68)

<sup>2</sup> Felices] Felizes – em OCA1994.

<sup>3</sup> jamais] jamais, – em PC1937.

Onde hoje dizem que se prende um globo  
Cheio de fogo, – outrora conduzia  
Hélios<sup>4</sup> o carro de ouro, e os fustigados  
20 Cavalos espumantes.

Povoavam Oréades<sup>5</sup> os montes,<sup>6</sup>  
No arvoredado Doríades<sup>7</sup> viviam,<sup>8</sup>  
E agreste espuma despejava em flocos  
A urna das Danaides.<sup>9</sup>

25 Refúgio de uma ninfa era o loureiro;<sup>10</sup>  
Tantália moça as rochas habitava;<sup>11</sup>  
Suspiravam no arbusto e no caniço  
Sirinx, Filomela.<sup>12</sup>

30 Cada ribeiro as lágrimas colhia  
De Ceres pela esquiva Persefone;<sup>13</sup>  
E do outeiro chamava inutilmente  
Vênus o amado amante.<sup>14</sup>

---

<sup>4</sup> Hélios: o Sol; divindade também identificada com Apolo – daí a expressão “carro de Apolo” para designar o sol. (Cf. HARVEY, 1987, p. 264)

<sup>5</sup> Oréades] Orcades – em FAL1870 (corrigido na errata). Oréades eram ninfas das montanhas.

<sup>6</sup> montes,] montes – em TPCL.

<sup>7</sup> Doríades: forma epentética de Dríades – ninfas dos bosques. As “Dríades” eram ninfas das árvores; a vida de cada uma delas estava presa à de sua própria árvore, e cessava quando a árvore morria. (Cf. HARVEY, 1987, p. 176)

<sup>8</sup> viviam,] vivia, – em FAL1870, em PC1937, em PCRR e em OCA2015. Um dado curioso: a tradução francesa, em prosa, de Xavier Marmier (1854, p. 149), traz “une Dryade vivait dans ses arbres”; e a de Adolphe Régnier (1859, p. 415), “dans cet arbre vivait une Dryade”. Parece que – “No arvoredado uma Dríade vivia,” – deveria ser o verso. Em alemão (SCHILLER, 1864, p. 69): “Eine Dryas starb mit jenem Baum”.

<sup>9</sup> As Danaides eram filhas de Dânaos, que fugiu com elas do Egito para Argos, onde ele se tornou rei. Argos foi, então, acometida por uma grande seca. As Danaides eram encarregadas de procurar água. Depois de assassinares seus maridos, foram condenadas no inferno a tentar eternamente encher de água vasos furados. (Cf. HARVEY, 1987, p. 149; KURY, 1999, p. 100-101) A palavra “urna” significa, originariamente, “vaso grande de tirar água”. (Cf. HOUAISS, VILLAR, 2001)

<sup>10</sup> A ninfa Dafne, filha de um rio (o Peneio ou o Ládón), para fugir de Apolo, que se apaixonara por ela, refugiou-se nas montanhas e, depois, perseguida por ele, foi transformada num loureiro. (Cf. HARVEY, 1987, p. 148)

<sup>11</sup> Referência a Níobe, filha de Tântalo, que foi transformada num rochedo. (Cf. KURY, 1999, p.282-283)

<sup>12</sup> Observe-se o suarabácti em “Syrinx”, que conta três sílabas no verso. Sirinx e Filomela: Sirinx era uma dríade, amada por Pã, que se transformou, para fugir dele, em cana junto ao rio Ládón – essas canas passaram a ser usadas para fabricar flautas de Pã; Filomela, filha de Pandíon, rei de Atenas, perseguida por Tereu, cunhado que a seduzira, teve sua língua cortada, e, mais tarde, foi transformada em andorinha. (Cf. HARVEY, 1987, p. 377; KURY, 1999, p. 152)

<sup>13</sup> Persefone;] Perséfone; – em OCA2015. Persefone: o *Vocabulário onomástico da língua portuguesa* (Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999) traz apenas “Perséfone”; entretanto, no verso, a palavra é paroxítona. Perséfone era filha de Deméter (nome grego de Ceres). Ela foi raptada por Hades, e Deméter, transtornada, saiu perambulando pela Grécia inteira à sua procura. Observe-se que Machado de Assis optou, em sua tradução, preferencialmente, como fez também em *Os deuses de casaca*, pelo uso dos nomes latinos dos deuses gregos.

<sup>14</sup> O “amado amante” chamado por Vênus era o jovem Adônis, que, por artes de Ártemis, fora devorado por um javali. Adônis passava parte do tempo com Vênus, e parte com Perséfone. (Cf. KURY, 1999, p. 15)

Entre as raças que o pio tessaliano  
Das pedras arrancou,<sup>15</sup> – os deuses vinham;  
35 Por cativar uns namorados olhos  
Apolo pastoreava.<sup>16</sup>

Vínculo brando então o amor lançava  
Entre os homens, heróis e os deuses todos;  
Eterno culto ao teu poder rendiam,  
40 Ó deusa de Amatonte!

Jejuns austeros, torva gravidade  
Banidos eram dos festivos templos;  
Que os venturosos deuses só amavam  
Os ânimos alegres.

45 Só a beleza era sagrada outrora;  
Quando a pudica Tiêmone<sup>17</sup> mandava,  
Nenhum dos gozos que o mortal respira  
Envergonhava os deuses.

Eram ricos palácios vossos templos;  
50 Lutas de heróis, festins e o carro e a ode,<sup>18</sup>  
Eram da raça<sup>19</sup> humana aos deuses vivos  
A jocunda homenagem.

Saltava a dança alegre em torno a altares;  
Louros c’roavam numes; e as capelas  
55 De abertas, frescas rosas, lhes cingiam  
A fronte perfumada.

Anunciava o galhofeiro Baco  
O tirso<sup>20</sup> de Evoé; sátiros fulvos →

---

<sup>15</sup> Das pedras arrancou, – ] Das pedras arrancou – (com travessão apenas) – em OCA2015. O “pio tessaliano” é Deucalião, filho de Prometeu e de Clímene; na Tessália, depois de um dilúvio determinado por Zeus, fez nascerem homens de pedras, e sua mulher Pirra fez nascerem, também de pedras, mulheres. (Cf. KURY, 1999, p. 106)

<sup>16</sup> Por ter matado os ciclopes, Apolo, expulso do Olimpo, foi viver na Tessália, onde guardava os rebanhos de Admeto. Durante o exílio, Apolo amou Dafne, que foi metamorfoseada em loureiro; amou Clítia, que foi transformada em heliotrópio; e amou Cimene, com quem teve muitos filhos, o mais famoso dos quais é Faetonte. (Cf. COMMELIN, s.d., p. 40-45)

<sup>17</sup> Tiêmone] Tiemone – em PCRR e em OCA2015. O vocábulo conta, no verso, três sílabas, com acento na primeira delas: Tiê-mo-ne. Tiêmone era uma sacerdotisa: “die holde Priesterin”, no verso de Schiller. (Cf. SHILLER, 1864, p. 70)

<sup>18</sup> festins e o carro e a ode,] festins, e o carro, e a ode, – em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL; festins, e o carro e a ode, – em OCA1959 e em OCA1994.

<sup>19</sup> da raça] de raça – em PC1937, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL.

<sup>20</sup> tirso] Tirso – em PC1937, em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

60       Iam tripudiando em seu caminho;<sup>21</sup>  
          Iam bailando as Mênades.<sup>22</sup>

A dança revelava o ardor do vinho;  
De mão em mão corria a taça ardente,  
Pois que ao fervor dos ânimos convida  
A face rubra do hóspede.

65       Nenhum espectro hediondo ia sentar-se  
Ao pé do moribundo. O extremo alento  
Escapava num ósculo, e voltava  
Um gênio a tocha extinta.

70       E além da vida, nos infernos, era  
Um filho de mortal quem sustentava  
A severa balança;<sup>23</sup> e coa voz pia  
Vate ameigava as Fúrias.<sup>24</sup>

75       Nos Elísios<sup>25</sup> o amigo achava o amigo;  
Fiel esposa ia encontrar o esposo;  
No perdido caminho o carro entrava  
Do destro automedonte.

80       Continuava o poeta o antigo canto;  
Admeto achava os ósculos de Alceste;  
Reconhecia<sup>26</sup> Pílades o sócio,  
E o rei tessálio as flechas.<sup>27</sup>

---

<sup>21</sup> caminho;] caminho, – em PC1937.

<sup>22</sup> Mênades eram as ninfas desvairadas do séquito de Dioniso (Baco), deus das videiras, do vinho e do delírio místico. (Cf. KURY, 1999, p. 260)

<sup>23</sup> Eram três os juízes dos mortos: Minos, Radamanto e Áiacos – os dois primeiros eram filhos de Zeus e Europa (mortal). Virgílio, em sua descrição do mundo subterrâneo, menciona somente Minos e Radamanto. (Cf. HARVEY, 1987, p. 344 e p. 219; KURY, 1999, p. 142)

<sup>24</sup> O vate referido é Orfeu. Na tradução de Ad. Régner está “poëte de Thrace”. (Cf. SCHILLER, 1859, p. 416)

<sup>25</sup> Os Campos Elísios, na mitologia grega e romana, eram parte do mundo infernal – que tinha quatro partes: o Érebo, onde erravam durante cem anos as sombras cujos corpos não tinham sido sepultados; o Inferno dos maus, lugar de todas as expiações, onde o crime recebia o seu justo castigo; o Tártaro, a prisão dos deuses; e os Campos Elísios, morada feliz das almas virtuosas. (Cf. COMMELIN, s.d., p. 190-191)

<sup>26</sup> Reconhecia] Reconhecida – em PCEC1976 e em TPCL.

<sup>27</sup> Toda esta estrofe é continuidade da anterior; na tradução francesa elas constituem um parágrafo, no original alemão uma só estrofe. As referências são as seguintes: “o poeta” (“le poëte”, na versão francesa de M. X. Marmier; “la lyre de Linus” – poeta lendário filho de Apolo e de uma musa, do tempo de Orfeu – na tradução francesa de Ad. Régner; “Orpheus” em alemão – na edição de 1864); Admeto, a quem Apolo servira como pastor, era o rei de Feras, e casou-se com Alceste depois de ter um carro puxado ao mesmo tempo por um leão e um javali – o que conseguiu com a ajuda de Apolo –, por exigência do pai dela; “o sócio de Pílades” é Orestes e o “rei tessálio” é “Filóctetes” (tanto no texto francês como no alemão). (Cf. KURY, 1999, p. 15; SCHILLER, 1854, p. 151; SCHILLER, 1859, p. 416-17; SCHILLER, 1864, p. 66)

Nobre prêmio o valor retribuía  
Do que andava nas sendas da virtude;  
Ações dignas do céu, filhas dos homens,  
O céu tinham por paga.

85 Inclinavam-se os deuses ante aquele  
Que ia buscar-lhe<sup>28</sup> algum mortal extinto;  
E os gêmeos lá no Olimpo alumiavam  
O caminho ao piloto.<sup>29</sup>

90 Onde és, mundo de risos e prazeres?  
Por que não volves, florescente idade?<sup>30</sup>  
Só as musas conservam os teus<sup>31</sup> divinos  
Vestígios fabulosos.

Tristes e mudos vejo os campos todos;  
Nenhuma divindade aos olhos surge;  
95 Dessas imagens vivas e formosas  
Só a sombra nos resta.

Do norte ao sopro frio e melancólico,  
Uma por uma, as flores se esfolharam;  
E desse mundo rútilo e divino  
100 Outro colheu despojos.

Os astros interrogo com tristeza,  
Selene,<sup>32</sup> e não te encontro; à selva falo,  
Falo à vaga do mar, e à vaga, e à selva,  
Inúteis vozes mando.

105 Da antiga divindade despojada,  
Sem conhecer os êxtases que inspira,  
Desse esplendor que eterno a fronte lhe orna  
Não sabe a natureza.

---

<sup>28</sup> Nesta passagem, o pronome “lhe” tem valor de plural.

<sup>29</sup> Castor e Pólux são os “gêmeos”: filhos de Zeus e Leda, protetores dos navegantes, aos quais mostravam-se em meio às tempestades sob a aparência do fenômeno elétrico hoje conhecido como fogo de santelmo. (Cf. HARVEY, 1999, p. 169-170 – verbete “Diôscuros”)

<sup>30</sup> florescente idade?] florescente idade – em TPCL.

<sup>31</sup> Só as musas conservam os teus] Só a poeira conserva os teus – em FAL1870 (corrigido na errata); Só as musas conservam teus – em PC1937, em PC1953, em PCEC1976 e em TPCL. A errata de FAL1870 é sucinta, indica apenas que no lugar de “poeira” deve-se pôr “musas” – o ajuste sintático do período fica a cargo de quem fizer a correção; daí, talvez, a liberdade que muitos editores tiveram para suprimir o artigo “os”, antes de “teus”.

<sup>32</sup> Selene.] Seleno, – em FAL1870, em PC1937, em PCRR e em OCA2015. “Selene” é a lua personificada. “Sileno” é nome dos sátiros de um modo geral depois de velhos. (Cf. KURY, 1999, p. 353-354 e p. 357) No verso, o sentido é de corpo celeste – a lua, portanto – “Selene”.

110 Nada sente, não goza do meu gozo;  
Insensível à força com que impera,  
O pêndulo parece condenado  
    Às frias leis que o regem.

115 Para se renovar, abre hoje a campa,  
Foram-se os nubes ao país dos vates;  
Das roupas infantis despida, a terra  
    Inúteis os rejeita.

120 Foram-se os nubes, foram-se; levaram  
Consigo o belo, e o grande, e as vivas cores,<sup>33</sup>  
Tudo que outrora a vida alimentava,  
    Tudo que é hoje extinto.

Ao dilúvio dos tempos escapando,  
Nos recessos do Pindo<sup>34</sup> se entranharam:  
O que sofreu na vida eterna morte,  
    Imortalize a musa!

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

- FAL1870 – *Falenas*, 1870.  
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.  
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.  
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.  
PC1937 – *Poesias completas*, 1937.  
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.  
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.  
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.  
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

### Referências

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

---

<sup>33</sup> Este verso começa com inicial minúscula em PC1937.

<sup>34</sup> O Pindo (cadeia de montanhas), como o Parnaso e o Hélicon, era consagrado a Apolo e às musas. A expressão “habitantes do Pindo” se aplica aos poetas. (Cf. *Dicionário e enciclopédia internacional*, s.d., v. XV, p. 8931) Nesta passagem, é o lugar em que os deuses se refugiaram.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Ed. preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Ed. Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2000.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Trad. Thomaz Lopes. s.l.: Edições de Ouro, s.d.

*DICIONÁRIO e enciclopédia internacional*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, s.d. 20v.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

SCHILLER. *Poésies de Schiller*. Traduction nouvelle par M. X. Marmier. Paris: Charpentier, 1854.

SCHILLER. *Poésies de Schiller*. Traduction nouvelle par Ad. Régnier. Paris: L. Hachette, 1859.

ASSIS, Machado de. Os deuses da Grécia.

SCHILLER, Friedrich von. *Gedichte*. Stuttgart: J. G. Gottafchen, 1864.

*VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa*. Coord. José Chediak. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.